

Com 'Mer', Caetano destaca influência francesa na MPB

PÁGINA 3



Rod Stewart ressignifica a música americana

PÁGINA 4



Repaginada, Madame Teia ressurgue nas HQs

PÁGINA 7



2º CADERNO

Ana Karina Zaratín/Divulgação

Divulgação

Pelo nome de Marcos Valadao, ele pode passar despercebido em inúmeros lugares. Mas com seu apelido, Nasi, é reconhecido e celebrado com um dos melhores e mais inventivos cantores do pop rock brasileiro. Mas Nasi não é só o carismático vocalista do Ira!. Fora da banda que fundou com Edgard Scandurra, ele é um artista talentoso e visionário. Parte desse ecletismo chega ao grande público com “Rocksoulblues”, um vigoroso trabalho solo, seu nono trabalho sem a banda.

“Rocksoulblues” traz oito faixas, a maioria composta ou interpretada por artistas que Nasi sempre admirou, como Zé Rodrix, Tim Maia, Erasmo Carlos, Jerry Lee Lewis e Martinho da Vila, gravadas em versões surpreendentes e completamente diferentes das originais. Ecletismo puro.

“Essas são canções que eu sempre quis gravar fora das amarras de uma banda fixa. Este é, com certeza, meu disco onde o lado intérprete é mais explorado, pois não é um band leader que está ali”, explicou Nasi em depoimento ao podcast Musikat.

Nasi conta que o projeto foi desenvolvido com muita calma, tendo começado em 2022 e sendo concluído em setembro do ano passado. E Nasi teve o cuidado de trabalhar com músicos e produtores diferentes a cada fa-



Um álbum de intérprete com ‘I’ maiúsculo

Nasi, o vocalista do Ira!, mostra sua inquietude e influências em ‘Rocksoulblues’, seu novo trabalho solo

xa, justamente para dar personalidade e legitimidade a cada um dos estilos escolhidos. “Não queria um disco em que uma banda

de rock tocasse estilos como o blues ou soul”, detalha.

O álbum confirma a altíssima qualidade do trabalho desse

músico que, nos anos 1980 já enxergava a força e importância do hip hop paulistano, produzindo a influente coletânea “Hip Hop

Intérprete de muitos recursos, Nasi extrapola o conceito de álbum de covers no excelente ‘Rocksoulblues’ onde se faz acompanhar por músicos de várias escolas e estilos

Cultura de Rua”, que revelou nomes como Thaíde e DJ Hum, MC Jack e Código 13. Esse ferte de Nasi com essa sonoridade preta e periférica já se dava no cultuado álbum “Psicoacústica” (1988), um dos trabalhos mais experimentais e conceituais de sua geração.

Nasi deixou sua marca no pós-punk brasileiro com o grupo Voluntários da Pátria, montou o grupo Nasi e os Irmãos do Blues, que lançou três LPs de celebração à música de raiz norte-americana, especialmente dos gênios Muddy Waters e Howlin’ Wolf. “O blues é minha alma! Eu canto melhor blues do que eu canto rock”, costuma repetir o vocalista que, recentemente, voltou aos tempos de mod com um explosivo disco gravado com a banda Spoilers.

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL

Um disco eclético e surpreendente

Ana Karina Zaratín/Divulgação



Reprodução

Marcos Palmeira e o fazendeiro Ernst Götsch

Figurino de Marcos Palmeira é inspirado em fazendeiro suíço

Vestindo roupas claras, de algodão leve, com ar de simplicidade e, ao mesmo tempo, sofisticação, o fazendeiro Ernst Götsch foi o muso inspirador de Marie Salles, figurinista de “Renascer”, para criar o guarda-roupa de José Inocêncio, vivido por Marcos Palmeira na segunda fase da novela.

O suíço Götsch, dono de fa-

zendas de cacau na região de Ilhéus, onde se passa a novela, é considerado o criador da agrofloresta, sistema de plantio que combina em uma mesma área o cultivo de espécies diferentes. Essa relação de amor e unidade com a terra é expressa na vestimenta de José Inocêncio desde a primeira fase do personagem.

Bens de Hebe

Um acervo de 90 obras de arte colecionadas pela apresentadora Hebe Camargo, morta há quase 12 anos, vai a leilão no dia 4 de março. No acervo, que conta com obras de 50 artistas, há, por exemplo, uma pintura a óleo feita por Chico Anysio.

Música no Museu

Formado por Leila Brasil (flauta), Denise Emmer (violoncelo) e João Paulo Romeo (piano), o Trio Movimento Musical apresenta-se nesta terça (27) no Sesc Flamengo (Rua Marquês de Abrantes, 66), às 18h, na programação do Música no Museu.

Na cozinha

O reality show culinário MasterChef, transmitido pela Band, vai ganhar uma versão voltada aos profissionais da confeitaria. Há 10 anos no ar, o programa já teve edições para amadores, cozinheiros profissionais, crianças e idosos.

Saúde mental

Bella Campos abriu o jogo com relação a sua saúde mental. Em mensagem a seus seguidores, a atriz revelou ter sofrido um quadro de depressão no ano passado. Ela disse se sentir cobrada e viajada permanentemente pelas pessoas.



Acompanhado por músicos de excelência, Nasi transforma as canções de repertório dando a elas novas roupagens e significados

O disco abre com “Blues do Gato Preto”, do próprio Nasi, um bluesão malemolente, cantado com a voz rascante e áspera de Nasi e com um clima de big band, animado pelos saxofones de Sax Gordon e pelos teclados de Johnny Boy, colaborador habitual de Nasi em sua carreira solo.

Depois, Nasi transforma “Devolve Meus LPs”, de Zé Rodrix, num jump blues que parece ter saído de um clube enfumado de Kansas City ou Chicago, e tira do chapéu uma versão blues do clássico do Ira!, “Dias de Luta”, com o guitarrista Igor Prado conjurando Stevie Ray Vaughan e Albert King.

As surpresas continuam com a versão matadora de “Não Te Quero Santa”, composta por Victor Martins, Sérgio Fayne e Saulo Nunes e gravada originalmente pelo Tremendão em seu clássico LP “Carlos, Erasmo” (1971). É a primeira de três faixas gravadas

no disco pela excelente banda liderada por Marcelo Sussekind e que tem Sergio Melo (bateria), Sergio Morel (guitarra) e Sergio Villarim (teclados), além do próprio Sussekind no baixo.

Em seguida vem “Não Vá Me Machucar”, adaptação – com letra de Nasi – de “Rollin’ and Tumblin’”, clássico blues norte-americano gravado em diferentes versões por vários bluesmen dos anos 1920 e mais conhecido pela versão eternizada por Robert Johnson em 1936, com o título de “If I Had Possession Over Judgment Day”. Aqui, a canção ganha uma roupagem moderna e dançante, com as participações do produtor Apollo Nove e os “scratches” de DJ Hum. É a conexão blues-hip hop-eletrônico.

E quem mais, senão Nasi, poderia transformar em country western o samba “O Caveira”, famoso na voz de Martinho da Vila? A nova versão ganha companhia luxuosa da cantora Nanda Moura, que divide

os vocais com Nasi nesse dueto divertido. O cantor depois solta a voz e presta tributo a um de seus grandes ídolos, Tim Maia, na suingada “O Que Você Quer Apostar?”, abrilhantada por um solo de guitarra memorável de Sergio Morel.

“Rocksoulblues” encerra com “Rosa Selvagem”, versão de “Ramblin’ Rose”, originalmente um country-blues gravado em 1962 por Jerry Lee Lewis e transformado, em 1969, num míssil proto-punk pela banda MC5 em seu LP de estreia, o clássico “Kick out the Jams”. A versão de Nasi emula o MC5 e é o encerramento perfeito para um disco tão festivo.

“Rocksoulblues” não é um simples “disco de covers”, daqueles em que o artista se limita a regravar músicas que gosta. É um LP de intérprete, em que Nasi transforma e dá a sua cara a músicas que o influenciaram. É um disco eclético e surpreendente. Um disco com a cara do Nasi.

Com o single 'La Mer', Caetano Veloso lembra influência francesa na nossa canção

Por Gustavo Zeitel (Folhapress)

Ao gravar "La Mer", clássico do francês Charles Trenet, composto em 1943, Caetano Veloso reafirma a sua consciência crítica sobre o poder da canção. O intérprete baiano retorna a um dos fundamentos da forma composicional, despertando o histórico intercâmbio entre brasileiros e franceses.

Do mesmo modo, opera uma intervenção no pensamento sobre o nosso cancionário, agora por demais anglicizado, espremido entre as narrativas épicas de Dylans e Cohens e a homogeneização estética imposta pela indústria do TikTok.

O single, disponibilizado na última sexta-feira (23) nas plataformas digitais, não se limita a servir de trilha para "Une Famille", filme da diretora Christine Angot recém-apresentado na 74ª edição do Festival de Berlim. O clipe, captado à beira do Porto da Barra, em Salvador, evidencia o significado primeiro da composição. Nas imagens, Caetano admira o sol se desmanchando no oceano, num confronto existencial entre o homem e o mar.

Ao longo da história, diversas representações artísticas deram conta do embate. No que se restringe à canção, a poética de Dorival Caymmi, atualizada a partir dos anos 1990 pela trilogia marítima de Adriana Calcanhotto, elege o mar, um lugar desconhecido, como metáfora da condição humana.

Pois Caetano ressalta, agora, esse mistério, em voz e violão, modificando o andamento musical. Influenciada pelo jazz, a "chanson" de Trenet se esmerava na síncope, os acordes pontuando cada sílaba, e soava até altissonante, com o cantor projetando a voz.

O mar de Caetano, no entanto, está calmo. Envolve numa ambiência "cool", adequada às suas férias radicais na capital baiana, a gravação é entrecortada pelos silêncios do violão de nylon. As pausas indeterminam a melodia, aguçando a curiosidade do ouvinte. Com a mesma sedução, o canto joão-gilbertiano do artista se mostra pacificador, estando a serviço da poesia.

Se a interpretação de Trenet vislumbra a grandiosidade do oceano, Caetano exami-



Caetano contempla o mar de Salvador no clipe da regravação da canção de Charles Trenet

Uma ponte entre a **chanson** e a **MPB**

na, gota a gota, esse lugar desconhecido. Por extensão, o artista encontra o mistério no interior de cada verso. A letra de "La Mer" é permeada por formas etéreas, com "anjos tão puros" e "reflexos prateados". Nas imagens, reside uma distinção da "chanson": a fidelidade de suas letras à poesia simbolista, de Paul Verlaine e Arthur Rimbaud.

Musicalmente, o artista se vale de um falsete para em "oiseaux blancs" - pássaros brancos, em português - exprimir uma sensação vaporosa, própria da paisagem marítima.

Caetano interpretou "La Mer" em turnês internacionais. Sua relação com a música francesa se estende ao registro de "Dans Mon Île", de Henri Salvador e Maurice Pon, em seu disco "Outras Palavras", de 1981. Quase 30 anos depois, ele se apresentou, em São Paulo, com Jane Birkin num tributo a Serge Gainsbourg, realizado pela Orquestra Imperial.

As relações entre a "chanson" e a música

brasileira são antigas e ultrapassam os limites da música popular. Comercialmente, a indústria fonográfica identificou, nos anos 1950, o sucesso da bossa nova nos principais centros urbanos da França. A recíproca era verdadeira, posto que "La Mer" se tornou um sucesso radiofônico no Brasil.

Do mesmo modo, não se pode ignorar a importância dos compositores franceses para a formação da modernidade brasileira. Jovem, Heitor Villa-Lobos queria seguir os passos de Claude Debussy, autor de um poema sinfônico homônimo à canção de Trenet.

Em sentido oposto, Darius Milhaud, visitando o Rio de Janeiro, em 1917, na companhia do poeta Paul Claudel, se encantou pelos ritmos daqui, os incorporando à obra "Le Boeuf Sur le Toit". Pouco tempo depois, o maxixe seria febre na capital francesa.

Na era do TikTok, toda canção numa

plataforma digital é um acontecimento. É ainda mais interessante Caetano olhar para um clássico francês, num momento de primazia da língua inglesa e de valorização dos compositores anglófonos, como Bob Dylan, que venceu o Nobel de Literatura em 2016. Não se nega o brilhantismo do "bardo judeu romântico de Minnesota". Dele, Caetano gravou "Jokerman", em 1992, no disco "Circulô: Ao Vivo".

Ocorre que, ao contrário do que muitos pensam, a história da canção não se iniciou com o autor de "Blowing In The Wind". Ninguém fala de Barbara, Léo Ferré e Georges Brassens, para citar nomes franceses. Em última instância, a maioria dos nossos "poetas da canção" não dialogam tanto com as epopeias dylanescas.

Somos líricos. Os anjos puros que surgem do fundo do mar combinam mais com o amor, o sorriso e a flor.

Divulgação

Divulgação



Rod e Holland, duas figuras emblemáticas do rock abraçam repertório de standards dançantes em 'Swing Fever'

Por Thales de Menezes
(Folhapress)

Em nostalgia dançante

Parceria de Rod Stewart e Jools Holland, o álbum 'Swing Fever' revigora a canção americana

Nas últimas semanas, parece que os dois estão em todos os lugares. Ou, pelo menos, nos principais programas de entrevistas das TVs norte-americana e britânica. Um cantor de 79 anos e um pianista de 67 disparando uma blitz midiática para lançar "Swing Fever", um álbum incomum. Os britânicos Rod Stewart e Jools Holland são figuras incontornáveis no rock. O primeiro é um dos cantores mais bem-sucedidos da história, dono de um caminhão de hits. O segundo apresenta há mais de 30 anos na BBC o programa de TV "Later... with Jools Holland", cujo palco é objeto de desejo de todos os astros pop.

Holland foi tecladista da banda roqueira Squeeze por 16 anos. A fama de pesquisador musical, um inegável carisma e muitas amizades na cena britânica o levaram a criar o programa. Todos os convidados tocam ao vivo, e o apresentador volta e meia se senta ao piano para tocar com eles.

Depois de 19 álbuns gravados com rock e pop, Rod Stewart lan-

çou entre 2002 e 2010 cinco discos que formaram a série "The Great American Songbook". Eles reuniram uma seleção de músicas populares nos Estados Unidos nos anos que antecederam o surgimento do rock, notadamente nas décadas de 1940 e 1950.

O repertório contemplou compositores geniais como Cole Porter e os irmãos George e Ira Gershwin. Esses lançamentos levaram Stewart novamente ao topo das paradas e, além de alcançarem números de vendas semelhantes ao de seu auge roqueiro, nos anos 1970, conquistou um grupo de ouvintes mais maduros.

Nessa nova proposta com o parceiro, talvez ele alcance um pou-

co de cada geração de seu público. Seria fácil classificar "Swing Fever" como um disco nostálgico, mas as escolhas da dupla recaem sobre canções ágeis, dançantes. As apresentações feitas por eles até agora foram shows de surpresa em estações de trem e grandes lojas, atraindo também gente bem jovem.

E essa garotada ouviu canções memoráveis compostas entre 1912 e 1951, grandes sucessos nos musicais da Broadway e, muitas vezes, levadas ao cinema. Não por acaso, o álbum abre com "Lullaby of Broadway", canção escrita por Harry Warren e Al Dubin em 1935 que celebra a vida noturna em torno da grande avenida dos teatros em Nova York.

Parece que Stewart e Holland

gostam muito de Bing Crosby, ou talvez seja só coincidência que o disco tenha sete faixas que foram gravadas pelo maior cantor americano antes da aparição de Frank Sinatra. Entre essas canções, destaque para "Love Is the Sweetest Thing", que deve ter significado especial para a dupla britânica: ela foi escrita e gravada pelo inglês Ray Noble, que atravessou o Atlântico para conquistar com ela as plateias americanas.

O repertório tem clássicos obrigatórios, como "Pennies from Heaven", cantada por Crosby no filme de mesmo nome e também gravada por estrelas supremas como Billie Holiday, Doris Day e Tony Bennett. Há outra música que é referência absoluta, "Them The-

re Eyes", inicialmente gravada por Louis Armstrong, mas elevada a hit mundial com Billie Holiday.

Uma curiosidade é "Night Train", música instrumental que começou a ser tocada por muitas bandas a partir de 1941. Na década seguinte, ela ganhou letras variadas, desde versos românticos a brincadeiras com nomes de cidades num itinerário ferroviário. Ela chegou a ter uma versão pesada com James Brown.

Os fãs mais roqueiros de Stewart e Holland devem prestar atenção em "Good Rockin' Tonight", um blues dançante gravado em 1947 por Roy Brown, num single que costuma ser tratado como parte da pré-história do rock. A aproximação com o gênero vai além do título, já que teve regravações, entre outras, de Elvis Presley, Bruce Springsteen, Paul McCartney e The Doors.

Sobrou espaço para country music, com "Tennessee Waltz", criada em 1946 por Redd Stewart (ops!!!) e Pee Wee King. Gravada em single nos anos 1950 pela musa dos caubóis Patti Page, alcançou a marca de cinco milhões de cópias vendidas, um número absurdo para aquele período.

Com tantas histórias por trás das canções, é importante dizer que Rod Stewart e Jools Holland apresentam regravações impecáveis. Os arranjos do pianista dão apoio à voz rouca do cantor, que a princípio poderia ter dificuldade em alcançar boas performances em uma ou outra canção. Mas tudo se encaixa muito bem.

"Swing Fever" é uma amostra de algumas das canções mais incríveis já compostas no mundo. E, acima de tudo, um álbum empolgante e divertido.

Fenômeno de bilheteria da Era Disco, que fez de Tony Manero um ícone pop, regressa ao circuito no exterior, celebrando os 70 anos de John Travolta

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Ao organizar uma mostra sobre o Cinema Novo dos Estados Unidos, praticado de 1967 a 1981 e chamado de Nova Hollywood ou Easy Rider Generation, a sala de projeção alemã Babylon, no coração de Berlim, trouxe o menu habitual do período (“Serpico”, “Tubarão”, “All That Jazz”), mas convocou um título nem sempre lembrado nas antologias históricas daqueles anos: “Os Embalos de Sábado À Noite”.

Rodado no Brooklyn, sintonizado com a vida noturna de Nova York, o longa-metragem de 1977 custou US\$ 3,5 milhões e faturou espantosas cifras (US\$ 237 milhões) mundo afora. Sua gênese: um artigo da revista “New York” chamado “Tribal Rites of the New Saturday Night”, de Nik Cohn. Cinematecas de diferentes partes do mundo têm dado espaço a esse fenômeno em suas grades, celebrando o fato de o LP da trilha sonora, com hits dos Bee Gees, foi o álbum mais vendido na indústria fonográfica da estreia do filme até 1983, o ano de “Thriller”. O motivo principal desse resgate: os 70 anos de John Travolta, seu astro.

“Quase que sem querer, eu acabei aparecendo em filmes que mudaram a maneira como as pessoas



Sobre Tony Manero, John Travolta declarou: ‘Quase que sem querer, eu acabei aparecendo em filmes que mudaram a maneira como as pessoas encaram a dramaturgia cinematográfica. É bom fazer filmes que tiveram relevância’

Embalos renovados

encaram a dramaturgia cinematográfica. É bom fazer filmes que tiveram relevância”, disse Travolta, numa masterclass que ministrou no Festival de Cannes, em 1978.

Recentemente, o ator chamou a atenção da crítica com sua participação em “O Pastor”, filme de Natal da Disney+. Prepara-se para voltar ao circuito com “Cash Out”, mas nem de longe é capaz de arrancar a popularidade que alcançou na década de 1990, depois de viver Vincent Vega (e dançar Twist), sob a direção de Quentin Tarantino, em “Pulp Fiction” (1994).

Até 2001, ele emplacou mais uma série de sucessos, a se destacar “A Outra Face” (1997), de John

Woo. O êxito daquele momento foi quase tão grande quanto a coqueluche que ele produziu na Era Disco, no papel de Tony Manero. Chegou a ser indicado pelo papel, em “Os Embalos...”, graças aos movimentos de dança que desafiam a gravidade. No fim de semana, o Babylon ia à loucura ao rever seu rebolado. No Brasil, a dublagem do filme, gravada na Herbert Richers, com Mario Jorge Andrade a emprestar a voz ao astro, popularizou ainda mais a cruzada marxista cheia de rebolado de Manero.

“Neste momento em que Hollywood ficou dependente de tramas baseadas em HQs, um filme de abordagem adulta sobre

as ruas de uma metrópole, como aquele que fizemos não seria aprovado, contudo, no fim dos anos 1970, o nível de realismo que criamos encantava as plateias”, contou o diretor do longa, John Badham, em entrevista ao Correio da Manhã em Cannes, na celebração dos 40 anos de seu clássico. “A essência realista que buscamos chegava ao ponto de que todas as roupas usadas no filme tinham de ser peças facilmente encontráveis nas lojas das regiões retratadas no filme”.

Dono de uma vasta carreira na TV, em séries como “Arrow”, Badham renovou seu prestígio depois, com “Jogos de Guerra” (1983) e “Tocaia” (1987). Na

época das filmagens da saga de Manero – um vendedor de família pobre que brilhava nas pistas das discotecas –, Travolta não era bom no requebrado. Mas foi evidentemente treinado para bailar e a câmera zanzava em torno de seu personagem como se a equipe de som e de fotografia estivesse fazendo um documentário, de câmera na mão.

Exibições recentes do longa em telona realçam a qualidade da produção e provam o quanto a forma de Travolta era sintonizada com o ethos daquele momento de virada comportamental nos Estados Unidos, numa fase pré-Aids.

Não por acaso, o cineasta francês François Truffaut (1932-1984), que acabara de atuar em “Contatos Imediatos do Terceiro Grau” (1977), viu o filme de Badham e disse: “Esse Travolta é a face do amanhã”.

Apesar dos muitos fiascos em sua trajetória, o eterno Manero segue mítico.

Paulo-Roberto Andel

A ruiva da Siqueira Campos

Ela era linda. Volta e meia estava de vestido curto preto, que contrastava com sua pele clara e os cabelos from hell - as mulheres são belas de todos os jeitos, mas as ruivas, vamos admitir, têm um charme à parte.

Era batata. Mesmo. Frita. O bar ficava na Siqueira Campos, bem embaixo da casa de um amigo meu da faculdade. Então volta e meia, marcávamos os dois lá para comer e beber algo, às vezes voltando da aula. Chamava-se Fry Chicken e, de acordo com o nome, sua especialidade era frango frito - delicioso, aliás. Ótimo atendimento, preço justo.

Ali perto ficava o Let It Be, lendário bar de shows da Copacabana mais underground, digamos assim, quase na esquina com a Travessa Santa Margarida.

Quando o amigo marcava para que eu o esperasse lá, invariavelmente eu chegava e lá estava a ruiva dos sonhos. Isso aconteceu muitas vezes e ela estava sempre sozinha à mesa, algo não tão comum no começo dos anos 1990.

Ai, minha maldita timidez: às vezes parecia que ela olhava para a gente ou para mim, mas até aí nenhuma surpresa porque o bar estava quase sempre vazio, embora fosse ótimo. Claro que eu jamais iria à sua mesa: perdi a conta das garotas que me beijaram e depois me perguntaram porque eu não tinha tomado a iniciativa.

Bom, o que importa é que ela era linda demais, charmosa demais e misteriosa. Vinha, sentava, bebia um pouco, quase não comia. Em algumas ocasiões escutava o walkman

- que sons a encantavam? Naquele tempo eu ouvia de tudo, feito hoje: Alice in Chains, Stone Temple Pilots, Tom Jobim, Peter Gabriel, Candeia.

É, é verdade: ela olhava sim, mas acho que era por curiosidade em saber quem estava na outra mesa. Nunca sorria. O ar severo deixava seu rosto delicado ainda mais belo. Frequentemente parecia escrever coisas.

Na outra mesa, eu falava bobagens desinteressantes por meses com meu amigo ou ficava mudo, sozinho. Sonhando com a carteira assinada no estágio e o diploma ainda distante - dois anos depois ele veio.

Depois de umas vinte vezes, o platonismo acabou: parei de frequentar o bar porque me mudei, ele próprio fechou depois de algum tempo - uma tremenda injustiça, porque era ótimo - e ficou por isso mesmo. Anos depois, meu amigo fez chacota: "Lembra daquela gata que ficava te olhando? Agora está na novela". Fez sucesso, ficou mais linda, continua por aí. O tempo só lhe fez bem.

Oh, bares de Copacabana onde um jovem e desconhecido candidato a cronista admirava uma linda jovem branquinha de cabelos cor de fogo, num vestidinho preto - ou de camiseta branca simples - enquanto ela parecia fitar o horizonte enquanto ouvia sons secretos e escrevia num diário. Era o começo dos anos 1990, onde os jovens de vinte e poucos anos de idade sentiam-se invencíveis, mas na verdade eram mesmo uns românticos enrustidos.

Se fosse hoje, chamariam a linda jovem ruiva de crush.

Por **Reinaldo José Lopes**
(Folhapress)

Nas prateleiras das livrarias ainda não se encontra o gênero "não ficção de horror", mas não é por falta de esforço do chileno Benjamín Labatut. Com "Maniac", livro no qual aborda a biografia do pioneiro da computação John von Neumann (1903-1957), o escritor dá continuidade à crônica das revoluções científicas do século 20 que havia iniciado em sua obra anterior, "Quando Deixamos de Entender o Mundo".

O resultado fascina e repele em igual medida, dando a entender que alguns dos gênios dos últimos cem anos chegaram à beira de um abismo existencial - e resolveram dar um passo à frente.

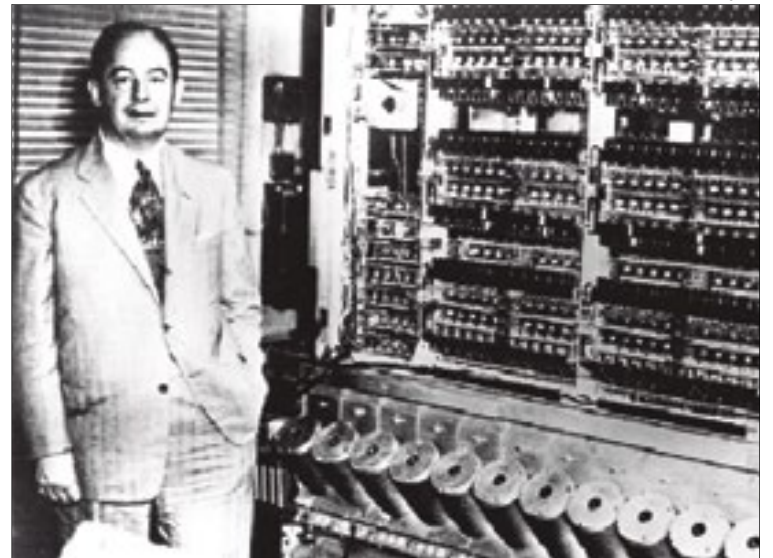
Ok, talvez o termo "não ficção" não seja o mais adequado; poderíamos falar também em "biografia romanceada". O autor mistura de forma quase inconsútil a pesquisa histórica minuciosa e a recriação romanesca ao falar de Von Neumann e de outros matemáticos, físicos e biólogos que se beneficiaram de seus "insights" para criar um mundo radicalmente diferente do que quase qualquer cientista na ativa em 1900 poderia ter imaginado.

Não se trata de uma biografia linear. O texto de Labatut tem uma lógica próxima da do caleidoscópio ou da livre associação, em que a figura do protagonista é construída pelas impressões em primeira pessoa de parentes, amigos, esposas e desafetos, sem que em nenhum momento a voz do próprio matemático húngaro-americano seja ouvida pelo leitor.

O porquê disso não demora a ficar claro: talvez a cabeça de Neumann János Lajos - nome do cientista antes de sua mudança para os Estados Unidos - não fosse humana o suficiente para ser simulada falando em primeira pessoa. Talvez, assim como as formas de vida artificial cuja

CRÍTICA / LIVRO / MANIAC

Reprodução



John von Neumann, pioneiro da computação, tem sua trajetória contada em 'Maniac'

Livro sobre pioneiro da computação fascina e repele em igual medida

Divulgação



existência ele anteviu, Von Neumann não pertencesse propriamente a este mundo.

Von Neumann bucou, sem sucesso, uma fundamentação indiscutível e sem qualquer ambiguidade para os elementos mais básicos da matemática. Mesmo derrotado nessa procura, seu intelecto sem igual fez dele uma figura importante no desenvolvimento da primeira bomba atômica, ao lado de Robert Oppenheimer e de uma série de futuros ganhadores do Nobel,

como Richard Feynman.

Ao mesmo tempo, muitos enxergavam algo de temerário e inconsequente, não exatamente racional, no comportamento do pesquisador: uma paixão de menino por jogos e máquinas de guerra e um estilo de vida hedonista, em que a bebida, a companhia feminina e os carros de luxo tinham destaque.

Com o farto financiamento do complexo militar-americano, Von Neumann ajudou a criar um dos primeiros computadores científicos do mundo, o Maniac do título do livro. (A sigla significa "analista matemático, integrador numérico e computador automático".)

São ideias vistas como centrais para duas revoluções, a da engenharia genética e da inteligência artificial (IA). Von Neumann chegou a imaginar que máquinas autorreplicáveis poderiam colonizar o Universo em nosso lugar. Se a ideia ainda tem muito de ficção científica, é difícil não pensar em suas implicações diante do avanço rápido e ainda imprevisível da IA hoje.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Hoje à venda em bancas, livrarias, gibiterias e sites, o almanaque “A Saga do Homem-Aranha”, em sua quinta edição, reúne um time de argumentistas e artistas gráficos invejável (Dennis O’Neil, Herb Trimpe, John Romita Jr., Marie Severin, Roger Stern, Tom DeFalco) para dar ao público leitor brasileiro a medida de força da Madame Teia, que virou um coqueluche nas telas brasileiras.

O filme estrelado por Dakota Johnson não explodiu no gosto mundial, arrecadando cerca de US\$ 60 milhões em seus primeiros dez dias em cartaz. Foi atingido em cheio pela queda de popularidade enfrentada hoje pelo filão de super-heróis. Mas isso não impede que o mercado de HQs se mobilize em torno de sua protagonista. Aconteceu o mesmo com Morbius, um vilão vampiro do Aranha que ganhou filme (com Jared Leto), em 2022, e ganhou holofotes no mercado editorial graças ao bom trabalho da Panini Comics com o álbum “Velhas Feridas”.

Transformada num dos mais sólidos impérios multimídias da indústria pop a partir de 2008, com a estreia de “Homem de Ferro”, a Marvel Comics despontou no audiovisual graças à boa acolhida cinematográfica a um herói com status de coadjuvante, que dava trabalho para o time A da editora, como o Justiceiro e o próprio aracnídeo: o caçador de vampiros Blade. Em 1998, Wesley Snipes amargava uma recusa, pois teve o sonho de adaptar o Pantera Negra para as telas negado. Apesar disso, ele decidiu seguir na trilha das gibis e encarnar um herói que pudesse ser simbólico para as lutas antirracistas do fim dos anos 1990. Sobrou-lhe o vigilante que caçava o Drácula e outros monstros das trevas. O projeto foi um fenômeno de bilheteira e abriu espaço para que Sam Raimi filmasse as aventuras de Peter Parker e para que Bryan



Feito madame nas teias

Personagem vivida por Dakota Johnson no cinema cria corrida por HQs Marvel nas bancas



Dakota Johnson em ‘Madame Teia’

Reprodução



Madame Teia é uma clarividente que ajuda Peter Parker e que ganha novo visual, rejuvenescido, para ficar em sintonia com o filme

Divulgação

Singer adaptasse os X-Men. O Quarteto Fantástico, que volta em 2025 ao circuito com Pedro Pascal, também ganhou longas-metragens. Daí pra diante... tudo foi História, até os recentes colapsos do filão, detectados na rejeição a “Quantumania”, em 2023. No entanto, nas vendas de quadrinhos, o empenho de editoras como a Panini garantiu à fauna marvete longevidade. Não por acaso, uma nova série mensal com Os Vingadores acaba de ser lançada.

Há uma corrida dos fãs pela Madame Teia em sebos e gibis virtuais, uma vez que é possível comprar quadrinhos oficiais da Marvel, em Inglês, online. Com isso, a heroína, chamada Cassandra Webb, cria cada vez mais fama. Ela ganhou seu prenome em referência ao mito da mulher que prevê o destino da Terra. Sua chegada ao mercado da arte gráfica cocorreu em novembro de 1980, nas páginas da revista “The Amazing Spider-Man” nº210, sob a pena do argumentista Denny O’Neil e sob os desenhos de John Romita Jr. Cega, ela é portadora de uma doença neurológica chamada myasthenia gravis, que, embora limite seus movimentos, aferroando-a a uma cadeira especial proporciona-lhe poderes psíquicos e o dom da clarividência. Essa habilidade deu a ela veios de saber a identidade do Homem-Aranha, sem nunca trair Peter Parker.

O recente sucesso de Venom (com Tom Hardy) e das animações da franquia “Aranhaverso”, com Miles Morales e o próprio Parker, asseguraram à Marvel a oportunidade de explorar a fauna de anti-heróis e dinâmicos que cercam o Escalador de Paredes. Não por acaso, Kraven o Caçador está para chegar às telas, com Aaron Taylor-Johnson no papel central. A fim de expandir sua fama no Brasil, a Panini lançou “A Caçada Perdida”.

UM BOM JORNAL
TEM QUE SER **DIRETO**.

NÃO SER DE ESQUERDA
E NEM DE DIREITA
MAS, **DIREITO**.

É TER CORAGEM
DE INFORMAR
A VERDADE
E NÃO IMPOR
A SUA **VERDADE**.

É **RESPEITAR**
A INTELIGÊNCIA DO LEITOR
E VONTADE DO ELEITOR .

Correio da Manhã

Há 122 anos Direto e Direito



EM UMA BANCA PERTO DE VOCÊ

correiodamanha.com.br @correiodamanha